

ASPECTOS CULTURAIS DO VALE DO PARAÍBA, RETRATADOS PELO ESCRITOR MONTEIRO LOBATO, EM SUAS OBRAS URUPÊS E CIDADES MORTAS

Maria Valdelis Nunes Pereira¹, Ana Enedi Prince² Anézio Cláudio Bernardes³

Universidade do Vale do Paraíba - Univap/Instituto Superior de Educação/Ise, Rua Tertuliano Delphin Júnior, 181, e-mail: valdelis@univap.br; prince@univap.br; acb@univap.br

Resumo – Tendo como ponto de partida as obras *Urupês* e *Cidades Mortas*, do escritor Monteiro Lobato, este trabalho teve como objetivo resgatar os aspectos culturais referentes aos usos, costumes e linguajar dos habitantes dos povoados do Vale do Paraíba, bem como à opulência e o declínio da cafeicultura na região. O referencial teórico para a realização desta pesquisa, além das obras de Lobato, foi construído a partir das considerações de Prince e de Zaluar. A análise e a interpretação dos dados coletados apontaram que houve consecução dos objetivos desta pesquisa, ou seja, o resgate da cultura do Vale do Paraíba, por intermédio de obras do escritor Monteiro Lobato.

Palavras-chave: Cafeicultura, Vale do Paraíba, Monteiro Lobato, Urupês, Cidades Mortas
Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação)

Introdução

O Vale do Paraíba foi uma das primeiras regiões a ser desbravada e explorada pelos portugueses, que buscavam índios e metais preciosos no interior do Brasil.

A partir do século XVII, residindo em roças e sítios, em caminhos que levavam aos portos do litoral, ou às margens dos ribeirões que passavam pelas sesmarias, os colonizadores da região do Vale do Paraíba desenvolveram, nas primeiras décadas do povoamento, uma economia de subsistência.

O isolamento dessas comunidades não motivava qualquer iniciativa de maior porte. Não havendo mercados consumidores, nem estímulos à implantação de uma atividade monocultora, a população buscava no sertão os meios necessários à sua sobrevivência. Por meio de engenhocas rudimentares, obtinham o açúcar, a aguardente, a farinha, o fubá, o melado e o azeite de mamona, além do cultivo de outros produtos necessários ao seu sustento.

O objetivo deste trabalho consiste em resgatar os aspectos culturais referentes aos usos, costumes e linguajar dos habitantes dos povoados do Vale do Paraíba, bem como à opulência e declínio da cafeicultura na região, tendo como ponto de partida as obras *Urupês* e *Cidades Mortas*, do escritor Monteiro Lobato. O referencial teórico para a realização desta pesquisa embasou-se em LOBATO (1964), PRINCE (2006) e ZALUAR (1964), dentre outros autores.

Metodologia

Houve uma pesquisa bibliográfica, a partir da obra de Monteiro Lobato e selecionadas, para a realização deste trabalho, as obras *Cidades Mortas* e *Urupês*, desse escritor, uma vez que

nessas obras Lobato retrata aspectos característicos da região do Vale do Paraíba.

Nesse contexto, foram selecionados usos, costumes e linguajar dos habitantes dos povoados do Vale do Paraíba, a opulência e o declínio da cafeicultura na região, assim como algumas análises coletadas na obra desse escritor, referentes aos habitantes e à economia da época em que Lobato viveu no Vale do Paraíba, sua terra natal.

Resultados

No início da colonização do Vale do Paraíba, a mão-de-obra utilizada era indígena e, posteriormente, foi substituída pelo caboclo, mas o orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica características dos índios foram mantidas no caboclo valeparaibano. Nessa região, o convívio social ateu-se às atividades religiosas, tais como, missas e guarda dos dias santificados, entre outras. As pequenas vilas eram pobres, constituindo-se apenas de duas ou três ruas, o largo da igreja, a Câmara e a cadeia. A rotina dessas vilas só era alterada pela passagem de alguns viajantes, estranhos ou aventureiros; ou por solenidades religiosas, rituais de nascimento, casamento e morte, ou, ainda, por inventários e testamentos que motivavam reuniões diversas, tais como para acertos de contas, partilha de bens e arremates dos espólios. Esse contexto proporcionou ao escritor José Bento Monteiro Lobato criar, entre tantas outras, a personagem Jeca Tatu.

Lobato apresentou, em sua obra *Urupês*, os costumes de seus habitantes, representados, principalmente, pelo caboclo Jeca Tatu que, a princípio, foi caracterizado pelo autor como vagabundo e impertinente, mas que, ao analisar aquela gente subnutrida, marginalizada, sem

acesso à cultura e com uma gama de doenças endêmicas, concluiu que se tratava de pessoas vitimadas pela realidade local. Ao ser tão cruel com o caipira, gente de sua própria terra, Lobato provocou reações políticas, levantando diversas questões sociológicas. A desigualdade social e a indigência física e racional do homem do campo estão refletidas no Jeca Tatu, que personifica a verdade, não só do Vale do Paraíba, mas do homem nacional. O Jeca era uma alegoria viva do marasmo e da estagnação da economia brasileira da época. E, mostrá-lo com tanto realismo, por intermédio da literatura, revelou um Lobato que buscava uma solução para o subdesenvolvimento e a pobreza da sociedade, especialmente a do Vale do Paraíba.

Na primeira fase de ocupação do Vale do Paraíba, predominava na região a lavoura de subsistência, com poucos excedentes para serem comercializados. A situação começou a se modificar a partir do início do século XIX, quando a cafeicultura, baseada nas grandes propriedades e no emprego da mão-de-obra escrava, chegou à região. O clima propício e a fertilidade das terras para a plantação das lavouras de café atraíram grandes negócios. O investimento necessário para esta empreitada havia sido acumulado graças ao incremento do comércio após a chegada de D. João VI e da corte portuguesa ao Brasil, no início do século.

Com a introdução da economia cafeeira na região, ocorreu uma transformação da estrutura sócio-cultural, quer pelo aumento demográfico, pois as melhores condições financeiras possibilitaram o aumento das famílias tanto pelo número de escravos como também pelas melhores condições de existência de uma prole numerosa, tanto na área rural como urbana, quer pela efetivação dos contatos diretos e indiretos com outros padrões culturais, impostos com a evolução do ciclo.

O Vale do Paraíba vivenciou, em poucas décadas, o apogeu e a queda da economia cafeeira. Em Cidades Mortas, o escritor Monteiro Lobato retratou a decadência dessa cultura em algumas cidades dessa região no início do século XX, bem como a estagnação sócio-econômica local.

O caboclo valeparaibano retratado na figura do Jeca-Tatu em Urupês, O Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato refletia sua indignação com os colonos de uma fazenda, a Buquira, herdada de seu avô, no Vale do Paraíba. A história do Jeca Tatu relaciona-se com a própria história de vida de Lobato. Ao tornar-se fazendeiro, o autor sonhou com um grande empreendimento agrário. Porém, não havia convergência entre os seus projetos e a prática dos caboclos. Estes, por serem resistentes as mudanças aconselhavam Lobato a não as realizar.

Nesse contexto, Lobato perdeu muito dinheiro, o que fez com que desistisse de ser fazendeiro. Isso frustrou-o a ponto de levá-lo a culpar o caboclo pelo seu fracasso. Era "coisa do Jeca": preguiçoso, doente, lento, acomodado, avesso às mudanças, subnutrido, "que vive de cócoras pitando seu cigarro de palha" em sua vida vegetativa. A revolta de Lobato era justificada pelo inconformismo, por não ser mais fazendeiro.

Na fazenda herdada de seu avô, Lobato escreveu um artigo que seria o início de sua carreira literária. Esse artigo foi publicado no jornal O Estado de São Paulo e apontou que os caboclos tinham o costume de queimar a mata para fazer sua roça. Isso ocasionava o desgaste da terra e a tornava improdutiva em pouquíssimos anos. Lobato, ciente dos malefícios proporcionados pelas queimadas, não se conformava. Para ele, essa prática, representava a morte da natureza. Esse posicionamento de Lobato revelava a sua preocupação em preservar o meio ambiente.

Lobato colaborou, também, com várias publicações, entre elas a Revista do Brasil. É nela que foram publicados alguns dos contos que, posteriormente, formaram o volume Urupês.

Urupês, publicado em 1918, contém contos e um artigo, quase todos ocorridos na fictícia cidadezinha de Itaoca, no interior de São Paulo, com diversas histórias, geralmente com final trágico e algum elemento cômico. O último conto, Urupês, apresenta Jeca Tatu como protagonista, caboclo tipicamente preguiçoso, apresentado a seguir.

"Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

Que grandíssimo preguiçoso!

Jeca possuía muitos alqueires de terra, mas não sabia aproveitá-la. Plantava todos os anos uma rocinha de milho, outra de feijão, uns pés de abóbora e mais nada. Criava em redor da casa um ou outro porquinho e meia dúzia de galinhas. Mas o porco e as aves que cavassem a vida, porque Jeca não lhes dava o que comer. Por esse motivo o porquinho nunca engordava, e as galinhas

punham poucos ovos.

Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examiná-lo.

- Amigo Jeca, o que você tem é doença.

- Pode ser. Sinto uma cansaça sem fim, e dor de cabeça, e uma pontada aqui no peito que responde na cacunda.

- Isso mesmo. Você sofre de anquilostomiose.

- Anqui... o quê?

- Sofre de amarelão, entende? Uma doença que muitos confundem com a maleita.

- Essa tal maleita não é a sezão?

- Isso mesmo. Maleita, sezão, febre palustre ou febre intermitente: tudo é a mesma coisa, está entendendo? A sezão também produz anemia, moleza e esse desânimo do amarelão; mas é diferente. Conhece-se a maleita pelo arrepio, ou calafrio que dá, pois é uma febre que vem sempre em horas certas e com muito suor. O que você tem é outra coisa. É amarelão".

Nessa obra, a personagem Jeca Tatu proporciona diferentes análises relativas ao problema agrário brasileiro e a situação da saúde pública. Inicialmente, Monteiro Lobato responsabiliza o Jeca pelos problemas da agricultura, considerando-o preguiçoso demais para efetivar as mudanças que se fizessem pertinentes ao desenvolvimento sócio - econômico regional.

A economia cafeeira valeparaibana retratada em *Cidades Mortas*, foi o segundo livro de Lobato, publicado em 1919, pela *Revista do Brasil*, tinha como subtítulo "Contos e Impressões" e reunia trabalhos muito antigos, alguns da época de estudante de Lobato. Em edições posteriores, outros textos foram acrescentados à obra.

Num tom entre irônico e saudosista, Lobato apresenta o espaço de sua obra: o norte paulista do Vale do Paraíba, "onde tudo foi e nada é: Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito." (...) "cidades moribundas arrastam um viver decrépito. Gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes".

Nessa obra, Monteiro Lobato apresenta, sob a sua óptica, o momento político-econômico-literário de seu tempo e critica a queda do café e seus efeitos na população que sobrevivia dele. "O nosso progresso", escreveu ele, "é nômade e sujeito a paralisias súbitas". E continua: "Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas".

O café transformara o Vale Paulista na principal região econômica da Província de São Paulo e numa das mais importantes regiões políticas e econômicas do Brasil-Império. A paisagem rural sofreu uma drástica mudança com a derrubada da floresta nativa.

Os cafezais se espalharam pelos morros e vales, edificaram casas grandes, senzalas, tulhas

construídas em taipa de pilão, terreiros de pedra e terra batida para secar os grãos de café, carros de bois, tropas de burros e casas de máquinas para o beneficiamento do produto. Foram derrubadas matas, plantadas lavouras de café.

Nesse contexto, constituíram-se as grandes fazendas e as poderosas oligarquias, que dominavam as câmaras municipais e as irmandades religiosas, projetando-se no cenário político-social do império. Bananal, São José do Barreiro, Areias e Silveiras foram algumas das cidades que se desenvolveram a partir do núcleo das fazendas cafeeiras e em função dos fazendeiros e barões do café. Essas cidades são referenciadas por Monteiro Lobato em sua obra *Cidades Mortas*.

Em Bananal, os "barões do café" constituíram a elite do Império. Com suas fortunas, depositadas em bancos de Londres, chegaram a avaliar empréstimos feitos pelo Brasil, por ocasião da Guerra do Paraguai. Além dessa feita, também financiaram a construção da Estrada de Ferro Ramal Bananalense - que passava pelas fazendas mais ricas e iam até Barra Mansa, no Rio de Janeiro - e importaram uma estação ferroviária inteira da Bélgica. Isso levou inclusive a cidade a adotar sua própria moeda por um período. Apenas para ilustrar, esse poderio, um dos fazendeiros mais poderosos da cidade, Manoel de Aguiar Vallim, dono da Fazenda Resgate, teria, ao morrer, em 1878, apenas em apólices da dívida pública, quase 1% do total de papel-moeda emitido no Brasil.

A economia cafeeira da região enfraqueceu no final do século XIX, devido aos seguintes fatores: as terras começaram a dar sinais de exaustão; foi construída a ferrovia Santos-Jundiaí que facilitou o escoamento da produção das regiões mais distantes do litoral, propiciando a expansão da lavoura cafeeira no oeste paulista; a abolição da escravatura, em 1888, que enfraqueceu ainda mais a economia da região; os descendentes dos grandes fazendeiros não conseguiram manter as fortunas herdadas dos pais; as pastagens para a criação de gado substituíram os cafezais.

Discussão

No que se refere à obra *Urupês*, Lobato foi implacável na desqualificação de toda a cultura caipira, de suas manifestações artísticas, à sua linguagem e às suas práticas econômicas. No final dos anos 1910 e durante as campanhas sanitárias, ele mudou sua análise do problema: o Jeca não era mais réu, porém vítima. Atribui a culpabilidade à precariedade da saúde pública brasileira pelo impaludismo e pela verminose instalados no caboclo, o que fez com que Lobato se envolvesse em campanhas de saúde pública.

Nos anos 40, Lobato transformou o Jeca Tatu

em Zé Brasil, personagem de um livreto, onde a visão do Jeca Tatu como preguiçoso e indolente foi modificada.

Ao contextualizar a obra *Cidades Mortas*, pode-se verificar que, na década de 50, com a inauguração da Via Dutra, rodovia ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, ocorreu a desativação da estrada dos tropeiros, que passava pelas cidades de Bananal, Areias, Silveiras, e São José do Barreiro. Todas elas se tornaram 'cidades mortas' - como caracterizou Monteiro Lobato que, residindo em Areias, testemunhou a decadência da região.

Atualmente, o município de Bananal procura se reerguer, por meio do turismo. Os belos sobrados da cidade e os casarões de suas fazendas são testemunhos de sua história de pompa e riqueza. Além disso, as belezas naturais da serra da Bocaína, constituem-se num forte atrativo.

A cidade de Areias foi a primeira cidade a cultivar o café na região, e em meados do século XIX, foi considerada a maior produtora de café do Estado de São Paulo, responsabilizando-se por 10% de toda a produção da província. Datam dessa época as casas e sobrados da cidade, cuja arquitetura retrata a chamada civilização do café.

Além de ter sido grande produtor de café, o município de Silveiras teve importante participação na história do Brasil, em virtude de sua atuação na Revolução Liberal de 1842 e na Revolução Constitucionalista de 1932.

No século passado, o café foi a principal riqueza econômica da cidade de São José do Barreiro. Atualmente, é considerada porta de entrada do Parque Nacional da Serra da Bocaína, atraindo turistas, por sua beleza natural composta por trilhas, cachoeiras, áreas verdes, doces, comida caseira e a hospitalidade característica do interior paulista.

Em virtude do rico potencial turístico que os municípios de Silveiras, Areias, São José do Barreiro e Bananal possuem, eles fazem parte do "Vale Histórico", ganhando notoriedade, sendo que as suas especificidades consistem na preservação de seu rico patrimônio, dos pontos de vista histórico, artístico, cultural e ambiental.

As fazendas de café são representações do rico acervo dessas cidades, marcos de um período áureo na economia da região, quando o café, representava mais de 50% das exportações brasileiras após 1850.

As casas grandes, imponentes assobradadas, dominavam a paisagem com dezenas de janelas, portas, quartos, salões, corredores, pátios e cozinhas. Os viajantes estrangeiros que atravessaram o Vale do Paraíba, no século XIX, testemunharam em suas obras a opulência das fazendas de café e a magnificência de suas casas grandes e solares. Emílio Augusto Zaluar, viajando pelo Vale do Paraíba, em 1860, registrou em seu

livro "Peregrinação pela Província de São Paulo", o luxo e a opulência da aristocracia rural valeparaibana.

Conclusão

Por ter nascido e vivido no Vale do Paraíba, e por ter participado das mudanças sócio-culturais da região, Lobato conseguiu captar a realidade local, inicialmente a partir de seus objetivos de vida, e, em um segundo momento, percebeu a difícil situação a que era exposta a população valeparaibana.

As obras do escritor Monteiro Lobato procuraram denunciar os problemas sócio-econômicos brasileiros objetivando a conscientização e o desenvolvimento da criticidade de seus leitores. Esse escritor é considerado um crítico social, preocupado com os destinos de seu país. Tal característica é notória ao longo de sua obra.

Em Urupês, o escritor paulista denuncia as queimadas comuns nas regiões interioranas do Estado e cria uma das suas principais personagens, o Jeca Tatu, avesso da imagem romântica do caboclo, para revelar, segundo ele, a "verdadeira" face do homem do campo: indolente, preguiçoso e doente. Visão modificada por Lobato na criação da personagem Zé Brasil.

Em *Cidades Mortas*, Lobato denuncia a triste realidade do Vale do Paraíba, no passado uma região rica em virtude do cultivo do café, rapidamente empobrecida pela decadência dessa cultura.

É necessário ressaltar o envolvimento de Lobato nas principais questões sociais brasileiras e a sua preocupação em denunciá-las e torná-las públicas por intermédio de suas obras. Detentor de uma linguagem elaborada e de grande erudição, o escritor Monteiro Lobato, diagnosticou de forma abrangente e simplista a realidade cultural, social e econômica brasileira.

Referências

- LOBATO, José Bento Monteiro. *Urupês*. 13ed. (Obras completas de Monteiro Lobato). São Paulo: Brasiliense, 1964.
- _____. *Cidades Mortas*. 11ed. (obras completas de Monteiro Lobato). São Paulo: Brasiliense, 1964.
- PRINCE, Ana Enedi. *Metodologias Diversificadas Para o Ensino da História Local: Vale do Paraíba*. Taubaté: Cabral, 2006.
- ZALUAR, Augusto - Emílio. *Peregrinação pela Província de São Paulo*. São Paulo: Cultura, 1945.